

## **EÇA DE QUEIRÓS E AS TENDÊNCIAS DO FIM DE SÉCULO; UM DIÁLOGO COM ANTERO DE QUENTAL**

Silvio Cesar dos Santos Alves (Mestre em Literatura Portuguesa,

Doutorando em Literatura Comparada, UERJ)

[silviohaiti@hotmail.com](mailto:silviohaiti@hotmail.com)

**RESUMO:** Para Antero de Quental, uma visão completa da realidade deveria considerar seus aspectos mais diversos, em vez sonegar suas contradições. Em seus textos filosóficos, Antero irá apontar o sincretismo como o passo inicial de uma evolução da humanidade rumo à santidade, alcançada graças à soberania da razão e da consciência nos atos humanos. Eça de Queirós, que, na juventude, compartilhara com Antero essa crença positivista no poder da razão e da consciência de garantirem ao homem o “Bem” absoluto, em textos como *Positivismo e Idealismo* e *O “Bock Ideal”* revela-se bem mais crítico em relação aos pressupostos do positivismo. Nas obras publicadas ou escritas nas décadas de 80 e 90, será possível notar sua adesão a certa forma de sincretismo estético, como o pregado por Antero, mas, ao contrário do amigo, Eça reconhecerá que a consciência está sujeita a equívocos e que a crença na sua infalibilidade pode levar o homem a prejuízos incontornáveis.

**Palavras-chave:** Sincretismo, Crise, Humanismo.

A “Geração de 70” sentiu, desde o início de suas atividades intelectuais, a urgência de se questionar o fenômeno religioso na cultura portuguesa. Todos os nomes dessa geração,

cada um no gênero que melhor lhe apetecia, ressaltaram, em suas obras, a idéia de que o Homem era capaz de governar seu destino individual e social, graças à soberania da Razão e da Consciência. Esta crença positivista, que tinha como fim a evolução da humanidade a um estado universal de Justiça e de Bondade absolutas, teria como primeiro passo a libertação de Portugal do jugo do catolicismo, que deveria ser substituído por um socialismo humanitário. O Eça de Queirós que atingia já a maturidade estética não acariciava mais sonhos tão utópicos, porém mantinha o mesmo rigor crítico e cético em relação ao catolicismo institucionalizado. Nas obras desta fase, a ilusão do “Bem” absoluto, garantido pela Consciência e pela Razão – que agora lhe revelava toda sua tirania –, dará lugar a uma concepção de humanidade que via as diferenças entre o bem e o mal sempre sob um ângulo relativo.

Em *Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX*, de 1890, Antero de Quental, aquele que, vinte anos antes, se destacara como principal mentor da jovem “Geração de 70”, afirmará que a inteligência científica e positivista, presa ao terreno da experiência e sem poder questionar de maneira mais subjetiva a realidade, só poderia dar origem a um ponto de vista incompleto e limitado da mesma, que seria responsável pelo “mudo fatalismo” característico de seus dias (QUENTAL, 1991, p. 85-6). Para Antero, havia chegado a hora da conciliação entre os mais diversos sistemas produzidos pelo pensamento moderno, o que daria fim às intransigências de escola e ao fanatismo dogmático. A intolerância, que caracterizava os adeptos das escolas segundo o modelo mais tradicional, daria lugar a uma atitude de abertura a novas influências, desde que fossem racionais. O criticismo seria, portanto, o princípio orientador do que Antero chamou de “período alexandrino do pensamento moderno” (QUENTAL, 1991, p. 58).

Antero acreditava que os sistemas mais diversos já forjados pela modernidade não deveriam ser considerados como modalidades distintas, mas complementares desta época. De forma que, para ele, um estudo completo desse período histórico não poderia ser empreendido sem que esses sistemas fossem levados em conta conjuntamente. Vistos em separado, compreenderiam apenas pontos de vista parciais e limitados da realidade. Portanto, para Antero, a urgência, que ele via surgir em seu tempo, de uma síntese entre os diversos sistemas e escolas do pensamento, convencia-o da existência de uma tendência histórica à “convergência gradual dos sistemas uns para com os outros”, patenteada pela necessidade de unidade que ele acreditava ser uma característica da inteligência humana.

De acordo com a filosofia anterior, a ciência e a metafísica não mais poderiam continuar separadas como rivais na obra do conhecimento, devendo ser representadas “como dois círculos concêntricos”. Aqui há uma consonância com o pensamento da última fase de Eça, sobretudo quando este, em *Positivismo e Idealismo*, de 1893, comenta a violenta reação idealista da “mocidade das escolas” que, em protesto às palestras e às aulas apologéticas do Positivismo, ministradas, respectivamente, no Bairro Latino e na Sorbonne pelo professor Aulard, invadira as suas aulas e espancara “os camaradas que estavam ali absorvendo a boa doutrina positivista e revolucionária” (QUEIRÓS, s/db, p. 1495). Nesse texto, Eça dirá que a culpa era toda do positivismo, porque

Considerou a imaginação como uma concubina comprometedora, de quemurgia separar o homem;- e, apenas se apossou dele, expulsou duramente a pobre e gentil imaginação, fechou o homem num laboratório a sós com a sua esposa clara e fria, a razão. O resultado foi que o homem recomeçou a aborrecer-se monumentalmente e a suspirar por aquela outra companheira tão alegre, tão inventiva, tão cheia de graça e de luminosos

ímpetos, que de longe lhe acenava ainda, lhe apontava para os céus da poesia e da metafísica, onde ambos tinham tentado vôos tão deslumbrantes. E um dia não se contém, arromba a porta do laboratório, espanca o Sr. Aulard, que o guardava, e corre aos braços da imaginação, com quem larga a vaguear de novo pelas maravilhosas regiões do sonho, da lenda, do mito e do símbolo. (QUEIRÓS, s/db, p. 1500).

Apesar do sincretismo que Antero prevê como o fim da jornada do pensamento moderno, em que elementos antagônicos como o materialismo e o espiritualismo deveriam coexistir organicamente, este autor ainda se mantém fiel à crença positivista numa Consciência e numa Razão capazes de revelar e garantir a verdade ao homem. No entanto, os fatos narrados por Eça no artigo *Positivismo e Idealismo* nos mostram que esta “síntese” dos sistemas, essa aproximação das escolas era mais aspiração, ou mesmo uma antevisão idealista, do que uma constatação com base na experiência ou em evidências. Vejamos este trecho do referido artigo em que Eça revela o clima de intolerância mútua entre os neopositivistas e os neoidealistas:

Não sei que data da revolução o Sr. Aulard estava comentando, e se ainda ia em Mirabeau e no humanitarismo, ou já chegara a Robespierre e ao sangue – o certo é que uma considerável porção da “mocidade das escolas” irritada com esta apologia do jacobinismo, feita na Sorbona, e com o positivismo pregado pelo Sr. Aulard em conferências através do Bairro Latino, invadiu as aulas, sufocou com berros e guinchos a facúndia do professor, apupou ignominiosamente os imortais princípios de 89, e espancou sem piedade os camaradas que estavam ali absorvendo a boa doutrina positivista e revolucionária! Estes são os escandalosos fatos; e a evidência, que deles desde logo resulta, é que nesta mocidade, nascida e educada dentro do jacobinismo (e de idéias congéneres), quando ele era superiormente atractivo como partido de oposição ao império decadente, e ainda depois da guerra de 1870, quando ele se tornou superiormente influente como partido de governo – há uma grande massa, uma

maioria, para quem esse jacobinismo é absolutamente intolerável. Tão intolerável que o pretende expulsar do ensino das escolas a cacete!

Já isto é estranho e grave. A gravidade e a estranheza, porém, crescem, quando se verifica que esta reacção não é somente tentada contra a política, mas contra a estrutura geral da sociedade contemporânea, tal como a tem criado o positivismo científico. Sob todas as formas da actividade pensante se revela, se alastra, na geração nova, esta reacção, de um modo inarmônico, a que falta o esforço e a convergência para a unidade, mas que vem fortemente caracterizado pelo propósito de mudar as fórmulas que governam. (QUEIRÓS, s/db, p. 1495-1496).

Os distúrbios e agitações relatados por Eça em textos como os artigos *Positivismo e Idealismo* e *O “Bock Ideal”*, que também é de 1893, representam mais que inquietações decorrentes de um conflito meramente estético. São, antes, sintomas da crise de um sistema cuja origem remonta mesmo ao período de sua instauração e que, à semelhança de uma doença auto-imune, visa a sua própria dissolução. É uma crise da cultura tal qual a construiu o capitalismo – esse sistema político e econômico que fará a humanidade conhecer os extremos do conforto e da barbárie na busca por seus objetivos civilizadores, impondo ao homem, contraditoriamente, como consequência do bem que promete fazer, um estado de coisas que lhe representa a oposição mais radical.

Ao referir-se aos exageros do positivismo como principais causas da crise, Eça deixa claro que a intolerância tinha um papel principal. A intolerância no que ela mais tem de desmesura e exacerbação aparece nos referidos textos como a mola que impulsiona todos os desdobramentos da crise relatada por Eça. Também é possível entrever, nesses textos, sobretudo em *Positivismo e Idealismo*, que, para Eça, havia uma correlação entre a

exacerbação e a formalização da razão em nome de um culto ao “Eu”, que tinha no desenvolvimento da técnica, concomitantemente, sua alimentação e destruição.

Por outro lado, também há, nesse texto, uma grave crítica ao repúdio da razão causado pelo recrudescimento do espiritualismo, o que, para Eça, representava ao homem a ameaça de uma nova era de aprisionamento na ignorância, como a administrada por mais de mil anos pela teocracia medieval. Eça parece preocupado com o fortalecimento de um movimento que exasperava o sentimento religioso e estabelecia os dogmas da religião, ou o irracionalismo místico como alternativas à crise intelectual por que passava a Europa finissecular. O desalento deixado pelas limitações da ciência, o descrédito da filosofia positivista e o acirramento do materialismo nas relações sociais e econômicas despertavam na maioria dos homens, até mesmo nos mais inteligentes, uma sensibilidade espiritual que representava verdadeiro perigo ao livre-pensamento.

Diante daquela crise que se apresentava desconcertante para um humanista como Eça, que em suas funções consulares defendera com firmeza os direitos dos trabalhadores chineses na calorenta Havana, três atitudes que vinham se tornando freqüentes na sociedade surgiam-lhe com feições mais amedrontadoras que a exploração insidiosa do Homem: o anarquismo, o niilismo e o misticismo.

A crise relatada por Eça, em seus textos de imprensa, caracterizava-se como uma reação inarmônica, fragmentada e generalizada, impulsionada pelo ímpeto de destruir as já abaladas estruturas da cultura pós-iluminista, sem, porém, a menor perspectiva de recriação de uma nova ordem. Os acontecimentos que Eça narra como decorrentes da crise intelectual causada pelos exageros do positivismo sugerem um angustiante, perigoso e desordenado movimento da cultura para o Nada.

Mas, se em *Positivismo e Idealismo* Eça tece graves críticas ao que chamou de “tirania” da razão, é n’O “*Bock Ideal*” que ele mostra maior preocupação com o descrédito por que vinha sofrendo a razão, sobretudo entre a juventude de Paris, embora este fenômeno estivesse afetando toda a sociedade parisiense.

Neste artigo Eça critica com grande ironia a propaganda religiosa feita pelo Sr. de Vogué aos jovens “inimigos do racionalismo, do materialismo e do Naturalismo” que, em meio à “fria mecanização da cultura”, “atacam o progresso científico e esperam que um ressurgimento do espírito religioso provoque também um renascimento intelectual” (HAUSER, 2003, p. 906):

Assim prega no *Bock Ideal* o Sr. de Vogué. E a mocidade, primavera sagrada da França, recebe, com enlevo, o ensino deste socialismo evangélico ou católico. Há nele, ao que parece, para estas almas novas, um delicioso refúgio contra a dureza materialista da vida.

[...]

Mas o que me inquieta (e aqui me parece ser logro) é que nesse lugar divino, nessa nova Galileia, onde o Sr. de Vogué levou a mocidade, não estão somente Jesus e a sua doce lição. Para além, na sombra, por trás do Sr. de Vogué, parece-me avistar um sacristão! Erra aqui um cheiro eclesiástico de incenso e cera – e há pouco, quando de capela, com a melancolia de um *Ite, missa est...* Lugar suspeito, este *Bock Ideal!* A democracia aqui usa o báculo de ouro da teocracia. A sobrecasaca do Sr. de Vogué tem uma severidade triste de batina... E já não há dúvidas meus pobres amigos! Viestes aqui abrir a alma para receber nela a verdade, e a verdade que recebeste é toda embrulhada em hóstia. Não sei se isto vos apraz ou vos desapraz... Mas evidentemente o que tendes diante de vós não é o “bock” – é a galheta. (QUEIRÓS, s./d.a, p.1538-39).

Porém, no Artigo *Positivismo e Idealismo*, Eça não criticará apenas o positivismo científico, por este ter se considerado “o incontestado senhor das inteligências e das

vontades, universalmente reconhecido como único capaz, pela verdade e utilidade de suas fórmulas, de dar estabilidade às sociedades”. (QUEIRÓS, s./d.a, p. 1499). Além de se direcionar, com igual rigor, à forma dura como esta corrente expulsou a imaginação de seu “laboratório”, onde só permaneceu a fria razão – e para Eça era esta a causa principal da intolerância dos idealistas em relação aos defensores do Positivismo – a sua crítica está dirigida de igual modo, à forma receptiva como os homens mais frágeis aceitavam o tão conhecido discurso utilizado pela Igreja para persuadir as mentes confusas e inseguras naqueles tempos de crise intelectual, ou à forma inocente como essas mentes se entregavam às diversas e desconhecidas seitas e doutrinas que lhes prometiam – de uma forma ou de outra – uma existência além túmulo. Em nosso entendimento, nesta fase de sua vida, incomodava-lhe o fanatismo dogmático – quer seja este positivista ou idealista – por considerá-lo um perigo ao livre-pensamento.

É possível perceber, pela leitura desses dois artigos, que este sincretismo, este abandono da ortodoxia dos sistemas e do fanatismo filosófico ou religioso, previsto por Antero como a tendência do fim de século, não podia ser considerado um fenômeno visível, mas uma aspiração que habitava o pensamento dos homens de gênio, que podiam, por um esforço racional e metafísico, ver além do “nevoeiro” de intolerância que começava a encobrir o “livre-pensamento” na Europa finissecular oitocentista. Porém, nesse caminho de evolução intelectual e estética, Eça de Queirós parece ter dado um passo além do ponto em que Antero parou, ao reconhecer que a tirania da Razão era incapaz de garantir ao Homem o utópico sonho positivista da fraternidade universal, da Justiça e do Bem absolutos.



Como Eça nos contará em *Um gênio que era um santo*, Antero já teria entendido que “A consciência é uma outra ilusão, uma modalidade efêmera, pois que nada de eterno se pode nela realizar”. (QUEIRÓS, s/db, p. 1553). Porém, para um homem com a sua formação religiosa, a vida deveria ser justificada por algum fantasma, alguma ilusão, pois “É seguindo fantasmas, através do ‘palácio encantado da Ilusão’, que afinal se vem repousar deliciosamente na paz do Senhor”. (QUEIRÓS, s/db p. 1560). Eça, com uma ironia fina, nos contará ainda neste texto, de singular beleza poética, que Antero chegara a este repouso “escutando, com uma atenção mais grave, mais crente, aquela voz da consciência, que tanto tempo desconhecerá, e que apesar de todos os desenganos e sempre *em segredo protesta e afirma o Bem*”. (QUEIRÓS, s/db, p. 1555). Com a mesma ironia Eça prossegue dizendo que

Fora atendendo reverentemente essa doce voz; e conseguindo, por um desesperado esforço do pensamento, penetrar a sua significação; e refazendo, guiado por ela, a sua educação filosófica; e procurando depois a sua confirmação na História, nas doutrinas dos moralistas, nas confissões dos místicos – que ele chegara a descobrir, a compreender bem o fim último e verdadeiro de tudo, não só do homem moral, mas de toda a Natureza, mesmo na sua modalidade física. E essa descoberta é de inefável beleza e contentamento – pois que o fim de tudo é o Bem! O Universo tem por fim supremo o Bem: o Bem é o momento final e augusto de toda a evolução do Universo. (QUEIRÓS, s/db, p. 1555).

Essa “descoberta” – talvez fosse melhor chamar de redescoberta –, seria o axioma fundamental do texto filosófico que Antero viria a publicar, em 1890, na *Revista de Portugal* – que era editada pelo próprio Eça –, com o título de *Tendências Gerais para a Filosofia na Segunda Metade do Século XIX*. De acordo com esse texto, que Antero dizia

ser apenas um “esboço” de sua filosofia, o homem, visto por uma ótica exclusivamente materialista, revelaria apenas seu lado animal, mecânico e determinado pelas condições exteriores ou fisiológicas. Uma visão completa do homem deveria analisar os fenômenos mecânicos à luz da consciência, cuja essência seria espiritual. O ser, diante das determinações mecânicas a que é condicionado, deveria resistir e agir conforme sua consciência, alcançado o primeiro degrau da liberdade. Esse agir pela consciência deveria se tornar espontâneo então, garantindo que toda manifestação mecânica fosse uma representação do espírito e revelando uma evolução do ser que, através da renúncia ao egoísmo e da ação caritativa, estabeleceria laços com o *eu* absoluto, ideal do bem. A cada ato de bondade o homem participaria mais desse *eu* absoluto e estaria mais distante do *eu* limitado e condicionado aos fatores externos, aos instintos e às paixões. Ao fim deste percurso, o homem, determinado pelo seu próprio espírito, seria um ser livre de qualquer determinação externa ou fisiológica, livre de qualquer mecanismo que não fosse a representação fenomênica de sua própria essência espiritual: o “Bem”. A santidade seria o último estágio desse desenvolvimento que apresentaria diversos graus até o que, para Antero, deveria ser a verdadeira Liberdade.

Como é possível perceber, apesar de aspirar ao sincretismo e de pensar a cultura livre das determinações de escola, do fanatismo e dos sistemas fechados e inflexíveis – atitude tão característica da evolução estética queirosiana e indicadora do colapso que vinha sofrendo o positivismo –, Antero ainda considerava a Razão como intérprete soberano da inconsciência humana, que para ele seria o segredo mais íntimo do ser. A Razão, para Antero, deveria se confundir com o próprio ser, fazendo-o alcançar o “Bem” e a “Verdade”. Mas o “Bem”, visto desta maneira absoluta como o fim, ou a tendência para a qual a

humanidade deveria caminhar, não nos parece compatível com o contexto histórico de Portugal no final do século XIX. Nem mesmo a decepção que tivera com a *Liga Patriótica do Norte* fora suficiente para embaçar a crença de Antero numa evolução da humanidade rumo à perfeição, ou à santidade. Segundo Eça de Queirós, em *Um gênio que era um santo*, a Liga, fruto de uma reação do temperamento ao traumático *Ultimatum*,

ainda mal nascera, já findava, decomposta. Tão decomposta que dentro dela não restava outro movimento senão o fervilhar dos vermes partidários, Regeneradores e Históricos. Quando se acabaram de elaborar os estatutos, que eram o programa muito complexo da Nova Vida, a Liga já não existia, dispersa, sumida, toda fugida para os hábitos da Vida Velha. Os políticos tinham recolhido aos seus centros: – a mocidade que fora arrancar Antero à metafísica, regressara, cansada desse esforço, às banquetas e aos *bocks* dos cafés da Praça Nova.

(...) E, desfeitas as formas revoltas desse estouvado sonho, Antero reentrou numa paz magnífica. (...) Foi talvez um motivo para subir de novo aquelas alturas do pensamento, donde as coisas se avistam na sua essência e verdade intrínsecas, sem que importem os acidentes, as modalidades e as imperfeições transitórias. Ei-lo pois de novo refugiado na impassibilidade subjectiva, na alva Torre de Marfim. O seu país, é certo, apodrece... Que importa – se o universo todo, onde ele é apenas uma mancha esverdeada, se move divinamente para o Bem, para a Verdade, para a Beleza? (QUEIRÓS, s/db, p. 1560-61).

Antero não era indiferente à fase crítica atravessada por Portugal, mas isso não parece ter influenciado seu projeto filosófico. É o que percebemos nesse trecho de *Um gênio que era um santo*, em que Eça critica, com uma ironia sutil, a importância que os problemas enfrentados por Portugal tinham para o pensamento de Antero: “O seu país, é certo, apodrece... Que importa – se o universo todo, onde ele é apenas uma mancha esverdeada, se move divinamente para o Bem, para a Verdade, para a Beleza?”. (QUEIRÓS, s/db,

1561). No trecho a seguir, Eça reforça ainda mais – e com a mesma ironia – sua crítica à indiferença com que Antero considerava o contexto de seu próprio país e idealizava, incoerentemente, a realidade:

(...) Aquele espírito pacificado, e tão feliz quando contemplava metafisicamente o Universo, porque sentia o fim soberanamente perfeito a que ele marcha na sua evolução – perdia a paz, perdia a felicidade, quando observava o pequeno Portugal, e este curto momento histórico em que ele se debate entre tanta baixeza e miséria moral. É certo que a sua supersensibilidade de artista, de metafísico e de solitário exageravam essa miséria e essa torpeza. (...) viera a descrever de Portugal, com uma descrença que lhe era angústia. Angústia bem contraditória num grande intelectual, que sentia o mundo, através de todas as aparências perversas, marchar sublimemente para o Bem, supremo e consolante momento da evolução do Ser. Que pode importar uma chaga em corpo, que, por efeito mesmo dessa chaga e da sua decomposição, se está transformando no puro espírito, no anjo? Tais contradições, porém, pululam no misticismo, enchem a história dos Santos do Deserto. (QUEIRÓS, s/db, p. 1559).

Antero descreu de Portugal e, enquanto era pessimista para ver com mais relevo os defeitos de seu país, era simultânea e contraditoriamente otimista para prever que o universo marchava numa “divina evolução” rumo ao Bem. Essa idéia de evolução, baseada na soberania da Razão e da Consciência nos atos decisórios do homem, ao passo que, por um lado, mantinha Antero preso àquela visão estrutural do positivismo, ligava-o, por outro, às correntes místicas e espiritualistas do fim-de-século.

Apesar do seu caráter laico, muitas são as afinidades entre o pensamento que Antero expõe nas “*Tendências*” e o discurso neocristão do “Sr. Vogué na sua qualidade de neo-Chateaubriand” e de representante do espiritualismo evidenciado por Eça n’O “*Bock Ideal*” e que, em *Positivismo e Idealismo*, ele diz ser

uma outra e renovada ansiedade de descobrir, neste complicado universo, alguma coisa mais alta, do que a que força e matéria; de dar ao dever uma sanção mais alta, do que a que lhe fornece o código civil; de achar um princípio superior que promova e realize, no mundo, aquela fraternidade de corações e igualdade de bens, que nem o jacobinismo nem a economia política podem já realizar (...). (QUEIRÓS, s/db, p. 1498).

Ainda no artigo supracitado, ao tentar prever os próximos acontecimentos da crise intelectual e espiritual que afetava a Europa no final do século XIX, Eça também diz que “sobre muitos problemas que a ciência não pôde ainda resolver, se vai exercer, como um socorro imprevisto, a acção da fé, duma fé renovada e transformada, acomodada às exigências da civilização e da própria ciência, que poderá ser chamada de neocristã” (QUEIRÓS, s/db, p. 1501). Segundo Leonel Ribeiro dos Santos, em *Antero de Quental – Uma visão moral do mundo*, esse “cristianismo completado pela ciência da realidade – é o novo misticismo ético, essa espécie de ‘budismo do Ocidente’, para o qual, a partir do ano 1876, cada vez mais se encaminha o pensamento de Antero”. (SANTOS, 2002, p. 145).

Antero teve sensibilidade para antever o sincretismo intelectual finissecular e reconhecer a importância da metafísica no pensamento filosófico, mas se deixou influenciar pelas tendências espiritualistas que tanto preocupavam o seu antigo discípulo, ao adotar um posicionamento híbrido entre o misticismo cristão, o budismo e a moral liberal positivista. Discípulo de Antero ao iniciar-se nas doutrinas positivistas – chegara até a compartilhar com o antigo mestre a idéia de fundar uma *Ordem dos Mateiros* – Eça ultrapassara os limites desse sistema ao questionar seu caráter ortodoxo e aceitar, com a devida medida, algumas das tendências finisseculares – como a valorização da fantasia, da imaginação, que

ele identificava com a metafísica – sem, porém, deixar-se atrair pela espiritualidade oportunista ou pelo espírito de intolerância que ele via instalar-se na cultura em geral.

Eça de Queirós evidenciará, na maturidade, uma complexa visão da realidade e do homem, que será responsável por um posicionamento estético eclético em relação às exigências do positivismo e do idealismo, que se manifestará através de uma atitude crítica em relação aos limites da Razão. Nas obras publicadas ou escritas nessa fase, Eça revelará um humanismo de natureza ambígua, contraditória. Esse humanismo, que não pode mais produzir nem anjos, nem demônios, mas sim homens com vícios e virtudes, com defeitos e qualidades, e que é mais coerente com o contexto histórico e social da Europa no fim do século XIX, sobretudo Portugal, é o mesmo que podemos ver na descrição que Titó, Padre Soeiro e João Gouveia farão do personagem Gonçalo, no último capítulo d'*A ilustre casa de Ramires*.

— Tem muita raça! — exclamou o Tito, levando a cabeça. — E é que o salva dos defeitos... Eu sou amigo de Gonçalo, e dos firmes. Mas não o escondo, nem a ele... Sobretudo a ele. Muito leviano, muito incoerente... Mas tem a raça que o salva.

— E a bondade, Sr, Antônio Vilalobos — atalhou docemente o padre Soeiro. — A bondade, sobretudo como a do Sr. Gonçalo, também salva... Olhe, às vezes há um homem muito sério, muito puro, muito austero, um Catão que nunca cumpriu senão o dever e a lei... E todavia ninguém gosta dele, nem o procura. Por quê? Porque nunca deu, nunca perdoou, nunca acarinhou, nunca serviu. E ao lado outro leviano, descuidado, que tem defeitos, que tem culpas, que esqueceu mesmo o dever, que ofendeu mesmo a lei... Mas quê? É amorável, generoso, dedicado, serviçal, sempre com uma palavra doce, sempre com um rasgo carinhoso... E por isso todos o amam, e não sei mesmo, Deus me perdoe, se deus também o não prefere...

[...]

Então João Gouveia abandonou o recosto do banco de pedra e teso na estrada, com o coco à banda, reabotoando a sobrecasaca, como sempre que estabelecia um resumo:

— Pois eu tenho estudado muito o nosso amigo Gonçalo Mendes. E sabem vocês, sabe o Sr. Padre Soeiro quem ele me lembra?

— Quem?

— Talvez se riam. Mas eu sustento a semelhança. Aquele todo de Gonçalo, a franqueza, a doçura, a bondade, a imensa bondade, que notou o Sr. Padre Soeiro... Os fogachos e entusiasmos, que acabam logo em fumo, e juntamente muita persistência, muito a ferro quando se fila à sua idéia... A generosidade, o desleixo, a constante trapalhada nos negócios, e sentimentos de muita honra, uns escrúpulos, quase pueris, não é verdade?... A imaginação que o leva sempre a enxergar até à mentira, e ao mesmo tempo um espírito prático, sempre atento à realidade útil. A viveza, a facilidade em compreender, em apanhar... A esperança constante nalgum milagre, no velho milagre de Ourique, que sanará todas as dificuldades... A vaidade, o gosto de se arrebicar, de luzir, e uma simplicidade tão grande, que dá na rua o braço a um mendigo... Um fundo de melancolia, apesar de tão palrador, tão sociável. A desconfiança terrível de si mesmo, que o acobarda, o encolhe, até que um dia se decide, e aparece um herói, que tudo arrasa... Até aquela antiguidade de raça, aqui pegada à sua velha Torre, há mil anos... Até agora aquele arranque para a África... Assim todo completo, com o bem, com o mal, sabem vocês quem ele me lembra?

— Quem?

— Portugal. (QUEIRÓS, s/da, p. 369-70).

**RESUMEN:** Para Antero de Quental, una imagen completa de la realidad debe considerar todos sus aspectos, en vez de eludir sus contradicciones. En sus textos filosóficos, Antero señalará el sincretismo como el paso inicial de una evolución de la humanidad a la santidad, lograda gracias a la soberanía de la razón y de la conciencia en los actos humanos. Eça de Queirós, que en su juventud había compartido con Antero esta creencia positivista de que la razón y la conciencia podríam garantizar al hombre el "Buen" absoluto, en textos como el *Positivismo e Idealismo* y *O "Bock Ideal"* es mucho más crítico acerca de las hipótesis

del positivismo. En las obras publicadas o que han sido escritas en los años 80 y 90, es posible perceber su adopción a una forma de sincretismo estético, tal como el que fue predicado por Antero, pero a diferencia de su amigo, Eça reconocerá que la conciencia está sujeta a errores y que la creencia en su infalibilidad puede conducir al hombre a daños inevitables.

**Palabras clave:** Sincretismo, Crisis, Humanismo.

## REFERÊNCIAS

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. Tradução de: Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ORTIGÃO, Ramalho. *Almanaque das Senhoras para 1893*. Lisboa, Ano XXIII, 1893, p. 12-13. *PARIS, 1900*. Porto: Centro Português de Fotografia, 2000.

QUEIRÓS, Eça de. *A ilustre casa de Ramires*. São Paulo: Klick Editora, s/d,a.

QUEIRÓS, Eça de. *Obras de Eça de Queirós*. Volume II. Porto: Lello & Irmão – Editores, s./db.

QUENTAL, Antero de. *Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

SANTOS, Lionel Ribeiro. *Antero de Quental – Uma visão moral do mundo*. Lisboa: IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA, 2002.